

## EDUCAÇÃO PELOS TAMBORES- A TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO ORAL NO CANDOMBE DO AÇUDE

*Mariana Bracks Fonseca*  
Universidade Federal de Minas Gerais

### RESUMO

Os escravos que chegaram na Serra do Cipó (Minas Gerais, Brasil) no início do século XIX trouxeram, além da mão de obra, a visão de mundo africana, seus valores, sua história e uma forma própria de transmiti-las. Aqui criaram novas manifestações, reterritorializaram suas crenças, buscaram formas de resistir ao sistema escravista, reinventaram a sua cultura. O Candombe, culto à Nossa Senhora do Rosário, surgiu no contexto da escravidão rural e garantiu um importante espaço de sociabilização desses trabalhadores. Através de seus cantos e da dinâmica de sua organização, os negros aprendiam valores religiosos e morais, regras de condutas, histórias da travessia atlântica, a hierarquia da sociedade. Esse processo ocorre ainda hoje reatualizando o passado. Com as batidas dos seus tambores sagrados, os escravos desde 1823, e hoje seus descendentes, cantam sua própria história.

Através da metodologia em história oral buscamos, no presente, o passado da escravidão abordado em seus aspectos cotidianos. Tentamos resgatar a tradição dessa Comunidade quilombola e perceber como ela enxerga sua história, ensinada pelos mais velhos aos mais novos através da fala, das músicas e cantigas, das narrativas do passado contadas no dia - a - dia, passadas de geração em geração. A palavra falada é a principal fonte da história dessa comunidade, que se alfabetizou há poucas décadas. Aqui a oralidade ganha importância central, é ela que conecta o passado ao presente que se revelam como tempo embricados. A educação do tipo tradicional desenvolvida na Comunidade do Açude resgata traços da organização social vivida na África pré-colonial e a cosmovisão banto, trazendo para a sociedade brasileira as contribuições da cultura negra. Cruzamos os depoimentos com os poucos documentos referentes a escravos encontrados na região da Serra do Cipó.

O mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário funda essa história e sustenta a fé que os negros têm no Candombe. O estudo mergulha num universo baseado em categorias de compreensão distintas da mentalidade racionalista ocidental, recheado por crônicas fantasiosas, onde o místico e o mágico ganham espaço. O processo educativo a que nos referimos ocorre em meio a festa, regado de cachaça, longe dos muros escolares, acontece no terreiro comandado por tambores. Além do segredo do ritmo, os candombeiros aprenderam, e aprendem até hoje, a orientar sua visão de mundo segundo a dos “antigos”, no qual o passado se apresenta como uma referência.

Entendemos esse culto afro-brasileiro como uma manifestação rica em sabedoria e que deve ser considerado como conhecimento próprio da cultura negra. Saber como ele vêm sendo transmitido e preservado, há quase dois séculos, é o objetivo desse trabalho. Inventariamos esse passado falado e exaltado hoje. Pelo que os mais velhos nos contam o que foi a escravidão percebemos que há uma importância na conservação da tradição, e assim essa educação se efetiva. O Candombe não permite que a história da escravidão seja esquecida uma vez que ela não está escrita em documentos. É uma forma fundamental para que os negros conheçam a história de seus antepassados e que mantenham a cultura afro-brasileira presente em Minas Gerais.

## TRABALHO COMPLETO

### História cantada da Comunidade do Açude

*“Ói nós são lá do Açude  
somo dum buraco fundo  
Ó Senhora do Rosário  
Abençoa todo mundo”*

*“Toca caixa, chora gunga  
diz o povo do lugar  
o Candombe dos escravos  
é que vai abençoar”*

O buraco fundo, cantada nesses versos de Candombe, é a Comunidade do Açude. Terras cultivadas pelos escravos da Fazenda Cipó e doada a eles após a abolição da escravidão. Quem os canta hoje são seus descendentes, devotos de Nossa Senhora do Rosário, a quem chamam para abençoar os participantes da festa de Candombe. Ao cantarem, lembram as histórias dos negros no cativeiro, marcam sua identidade, rememoram a África trazida ao Brasil.

A Serra do Cipó foi rota de bandeirantes e iniciou seu povoamento em 1716 com a concessão de sesmarias. Entre 1789-1792, os irmãos portugueses Morais fundam a Fazenda Santa Cruz do Cipó. Em 1823, o Guarda-Mor, José Santos Ferreira compra as terras, agora Fazenda Cipó, “farto celeiro que abastecia os vizinhos, tendo sido também fornecedora de azeite para iluminação pública de Ouro Preto e outras vilas.”<sup>1</sup> Como mão de obra, a fazenda utilizava um plantel médio de 60 escravos.

Apesar do museu da fazenda funcionar numa antiga senzala, temos poucos documentos sobre os trabalhadores. Poder-se-ia fazer investigação documental sobre a escravidão, mas aqui a opção foi claramente pela história oral. Sendo a comunidade ágrafa até bem pouco tempo, analisa-se a literatura oral da comunidade: mitos, lendas e provérbios; as histórias contadas pelos mais velhos; e principalmente os cantos do Candombe. A metodologia da tradição oral<sup>2</sup>, sobretudo de base africana, aparece também como objeto da pesquisa.

*Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de preservação de sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocução-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente, de uma geração para outra (VANSINA, 1982)*

A transmissão da tradição oral é entendida como um processo educativo que possibilita a Comunidade conhecer seu passado de escravidão, construir sua identidade histórica e orientar seus membros para valores morais e religiosos.

É uma tentativa de compreender as práticas educativas de um culto afro-brasileiro que permitem que a cultura negra sobreviva no Brasil. Busca-se também a origem africana para tais práticas, comparando-se características encontradas nessa educação pelo Candombe com características pedagógicas encontradas em extensa literatura sobre a África.

Para compreender o processo educativo no Candombe, conversamos abertamente, sem roteiros fixos de entrevistas, com duas gerações de açudenses. As mais velhas: Dona Geralda e Dona Mercês, nascidas em 1937-1939; e seus filhos: T., C., K. e D., nascidos entre 1965-1984. Portanto, o Candombe e sua transmissão hoje não é discutido. Os nomes completos não aparecem por falta de necessidade.

### Nossa Senhora do Rosário, mãe do Candombe

*“Nossa Senhora do Rosário,*

*foi ela quem me trouxe aqui,  
a água do lago é santa  
eu vi, eu vi, eu vi”*

O Candombe é um culto à Nossa Senhora do Rosário realizado desde a escravidão em MG. É considerado o pai de todos os congados devido sua caráter sagrado, garantido pelo mito de Nossa Senhora do Rosário:

*“A história de Nossa Senhora do Rosário era os antigo que contava a gente: ela apareceu na lapa do rio aqui, os branco foram lá, levaram padre, banda de música puseram na igreja e ela tornó a voltá pra lapa. Aí os nego pediram pra ir lá buscá a santa, fizeram os tambu e foram lá. Eles fizeram o Candombe, cantaram e dançaram. Aí, a santa veio andando devagarinho, devagarinho e parou na igreja. Enquanto os nego num foi lá busca ela com o Candombe, ela num parô na Igreja. Os branco num fazia caso dos preto não, os nego é que insistiu e que pediu eles pra poder ir lá buscá ela com o Candombe, aí foi lá e buscô e e ela ficô quetinha na Igreja. Por isso que ela é a mãe do Candombe. Foi só o Candombe que conseguiu fazê ela querê vim”. (Dona Mercês).*

Segundo Leda Martins (1997, 2000), é possível encontrar um núcleo comum nas variáveis dessa lenda em todo o Brasil:

*1)A descrição de uma situação de repressão vivida pelo negro escravo. 2)a reversão simbólica dessa situação com a retirada da santa capitaneada pelos tambores. 3)a instituição de uma hierarquia e de um outro poder, o africano, fundados pelo arcabouço mítico. (Martins, 1997,p.56; 2000 p.72)*

A continuação da história, específica no Açude, explica a origens dos instrumentos:

*“Aí o senhor ficou com muita raiva porque os nego conseguiu trazer a santa e mandou queimá os tambus. Os nego pediram ‘esse aí são os tambu de Nossa Senhora do Rosário Não pode quemá eles.’. Mas o senhor pôs eles na fogueira...aí a fumaça que saiu intoxicou ele, foi intoxicando, ele ficou naquele morre num morre. Aí o padre disse que era pra ele deixá os preto fazê o Candombe. Os nego foi e construiu a Segunda geração dos tambu, que é esse que a gente tem até hoje aqui.” (Dona Geralda)*

A palavra *mito*, hoje entendida por nós como “ficção”, nas sociedades arcaicas o “*mito designa uma história verdadeira, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo*” (Eliade, 1972). No Açude, percebemos que essa narrativa é viva pois fornece os modelos para a conduta humana e confere significação e valor à existência do Candombe. A aparição de Nossa Senhora do Rosário na lapa e seu resgate comandado pelos *tambus* que garante o caráter sagrado do culto e o poder dos seus instrumentos. É um mito fundador, que explica as origens da fé e do Candombe.

Todos acreditam na história como verdadeira, garantida pela palavra dos antigos:

*“Essas história que nós conta é tudo verdadeira porque os véio da gente era muito rigoroso, num gostava de pegá mentira em ninguém, de jeito nenhum. Eles contava nós com a maior sinceridade, uns contava e até chorava...” (D.Mercês)*

A fidedignidade aponta à origem africana:

*É, pois nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido com ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. “A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra (...) Nas tradições africanas, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de uma caráter sagrado vinculado à origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (HAMPATÉ BÂ, 1982)*

Atentando para o processo educativo tradicional, percebemos que várias gerações no Açude conhecem essa narrativa, apesar de apenas os mais velhos terem a função de narrá-la em público. Todos aprenderam-na de “ouvir contar”. Ela faz parte do repertório de literatura oral da Comunidade, o que nos abre possibilidades de analisar o tempo mítico e sua elaboração no Açude.

### ***Aprendendo com os tambu***

<i>“Eu sou carrero</i>	<i>“ Carrero novo</i>	<i>“Meu carro é velho</i>
<i>eu vim pra carriá</i>	<i>num sabe carriá</i>	<i>e canta sem parar</i>
<i>minha boiada é nova</i>	<i>mas o carrero velho</i>	<i>chumasco de aroeira</i>
<i>sobe o morro é devagar”</i>	<i>tem que tá pra ensiná”</i>	<i>eixo de jacarandá”</i>

Um dos primeiros ensinamentos passados na Comunidade do Açude é o respeito aos mais velhos, aqueles que ensinam a “carriá”, que têm o “eixo” forte, são considerados “*fonte normativa da vida do grupo*” (SANTOS,1997)

*“A gente aprendeu respeitá as véia porque tem que ser mesmo, uai. Elas sabe coisa demais, tem muito conhecimento do mundo, então tem que respeitá. Acho que também pelo jeito que elas reza, que elas canta, aí a gente sabe que tem que ter respeito.” (C. )*

Nessa educação transmitida dos mais velhos aos mais novos é fundamental a capacidade de conhecer e ensinar de D.Geralda e D.Mercês. São elas as responsáveis pela realização da festa, por garantir a continuidade da tradição e contar as histórias dos antigos.

*“Os antigo contava nós e pediram pra nós não esquecê. E num era pra gente guardar pra dentro da gente não. Que nós devia contá ela pra todo mundo que se interessasse pelas histórias dos nego escravo. Eu rezo até hoje pra num esquecê, mas Deus ajuda que na hora de nós falhá, tem os menino aí pra contá.” (D.Mercês)*

Lembrando um ditado malinês: “*Em África, quando morre um velho desaparece uma biblioteca*”:

*Existiam nos Estados africanos um guardião da tradição oral. Era uma espécie de “cronista real”, que guardava na memória todos os acontecimentos justificativos do poder vigente e da coesão do grupo. Os povos áfragos (sem escrita) são povos de extraordinária memória. Na África negra, a tradição oral não é apenas fonte principal de comunicação cultural, é uma cultura própria e autêntica, porque abarca todos os aspectos da vida e fixou no tempo as respostas às interrogações dos homens. **Relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida.** (FERRONHA, Tratado breve..., pag. 134 nota- 4.)(grifo nosso)*

Sobre o processo dessa transmissão, D. explica:

*“O Candombe num é um trem assim que nem escola não...porque assim, se o Candombe fosse uma coisa pra ser ensinada assim, acho que podia qualquer um chegar e querer ensinar. Ninguém ensinou você o que é Candombe não, ensinou? Nós aprendemo da mesma forma (...). cê tem que vê que tem que deixá ele entrá dentro docê. O Candombe é livre, sô. Procê vê, ele num tem regra com música, com canto...a única regra dele é a fé. Igual B., que morreu, ele era um cara que entrava na roda e inventava os verso na hora. Se o Candombe fosse coisa pra ser ensinada tinha os canto todo certo.” (D.)*

O respeito aos *tambus* é outro ensinamento que se processa com muita atenção:

*“ Num é qualquer pessoa que pode tocá os tambu não(...) isso os menino tem que aprendê,... E o tambu do meio, a pessoa pra tocá aquilo tem que ser só do pessoal do meio dagente. Do meio é a chama(...) Na hora do Candombe começa, eles tem que chamá é no tambu do meio e a hora que agente vai lá e canta, “o sinhô me dá licença”, tem que pedi licença porque ele é muito sagrado e na hora da pedida de licença tem que ser um da comunidade, um de nós mais velho. A caixa a gente botô ela mas ela num foi feita pelos escravo não. Mas ela é sagrada também, ela é companheira do Candombe. A gente num pode deixá os menino saí tocando pra onde quizé não, levá pros pagode. Ela é companheira do Candombe e tem que ser companheira só dos tambu. O Candombe é muito sagrado, e só pode tocar seus instrumentos, num pode tocá mais instrumento nenhum”. (D.Mercês).*

Interessante a gravação realizada pelo próprio D. a sua tia sobre o valor do Candombe:

*“O Candombe, pra mim representa uma coisa muito importante, antigamente ele era super-religioso e a gente tem pra nós que ele é muito religioso até hoje. Tem muita gente que não confia, mas pode confiar. Nossa Senhora do Rosário tá por dentro de tudo. O Candombe pra mim é uma coisa importante, importante de mais, graças a Deus, e tem que ser importante procêis também, procêis tudo. E quando, D, ocêis pegarem num tambu pra tocá, cêis alembra que cêis num tão pegando tabaca não, é tambu. Aquilo é a mesma coisa que uma imagem, cê pode até beija eles, os três tambu. Agora o mundo tá mundo diferente, por isso que é bom ocêis mais novos pegá eles mesmo porque ocêis que entende desse mundo agora, mas o mundo de nós é outro e tudo era mais religioso”. (D.Geralda)*

Através das entrevistas pode-se perceber o valor que os candombeiros dão aos instrumentos que tocam e como aprenderam, no momento da festa mesmo, seu valor sagrado:

*“Uma vez os tambu tava na fogueira esquentando e a gente, menino, foi querê tocá. Levamo um tapão na mão. ‘Isso num é brinquedo não. Esses tambu são sagrado’. A gente aprendeu tocá com lata, pegava uns galãozim de água, umas latinha e brincava de Candombe, mas os tambu mesmo ninguem deixava a gente encostar a mão.” (K.)*

*“Aprendi Candombe desde os 6. Pegá os tambu, pegá mesmo com uns 13 anos, 13,14. Aprendia só na roda, ninguém nunca ensinou nada. Dava ali os instrumentos e falava ‘vai aprendê’. Aprendia só de ouvir mesmo. Nunca ninguém precisou chamar pra conversar assim não. Ah! Num foi eu que quis não. Tá no sangue. Aí a gente aprende mesmo.” (C.)*

A função dos tambores, enquanto sagrados, também é bem conhecida na África:

*A música é percebida para os povos africanos como um dos códigos que traduzem simbolicamente aspectos da visão de mundo daqueles que a vivenciam e como um meio no qual significados são gerados e transformados. (...) a música traduz a cosmovisão africana, evocando o passado,e, ao mesmo tempo, participando dos processos de transformação.(...) Os tambores já eram revestidos de significação mágica para os negros africanos, quando associados como meios de comunicação e contato com os antepassados. (...) Esses rituais eram um meio pelo qual os negros*

*pueram vivenciar aspectos de sua própria cultura, incluindo elementos de sua concepção de mundo no processo das transformações interculturais* (Lucas, 2003)

Sobre o processo educativo tradicional que, como percebemos, ocorre diariamente e sem momento pré-determinado, assim como na África:

*Quanto ao sistema de educação dos jovens, podemos considerar que o mesmo se encontrava articulado com a prática diária, isto é, a transmissão dos conhecimentos no decorrer e praticando o próprio acto em aprendizagem. Quer isto dizer que se aprendia participando. Tomando parte nas actividades produtivas, aprendia-se a produzir, e o envolvimento de entretenimento adquiria-se aptidões para a dança, a canção, aprendia-se o repertório narrativo da comunidade e outros valores literários tradicionais; participando nos actos rituais, obtinha-se conhecimentos sobre os códigos da linguagem mítica da comunidade e sobre a sistematização do comportamento mágico-religioso.(...) Nas sociedades de tradição oral, a educação se associa à arte e o acto criativo está em função das preocupações da manutenção e prosperidade do grupo comunitário...(ROSÁRIO, 1989)*

Os tambores são levados para a beirada da fogueira para serem afinados com o calor. Só param de tocar quando esfriam e então devem ser afinados novamente. Esse momento também é ensinado com atenção: jamais se pode tocar um *tambu* frio.

Antes do Candombe começar deve-se fazer a reza, obrigatória e tida como uma das etapas mais importantes do ritual tradicional. Ao som de violas e cavaquinho, Dona Mercês puxa a reza com cantos religiosos expressando a devoção a Jesus e principalmente à Nossa Senhora do Rosário. A bandeira da Santa é levantada e a festa se inicia com a pedida de licença:

*“O sinhô me dá licença,  
me dá licença  
preu cantá nessa baixada  
nessa baixada.”*

Selecionamos aqui alguns versos antigos de Candombe que têm expressivo conteúdo educativo e facilitam o processo de mimese das histórias narradas:

*Entre los medios mnemotécnicos que no hacen uso de objetos materiales, devem ser señalados los cantos y los ritmos de tambor. En todas las tradiciones cantadas se halla un soporte mnemotécnico en la melodía o el ritmo del canto. En todas partes de Africa se encuentran los ritmos de tambor como medios mnemotécnicos. Las palabras y las frases pueden ser transpuestas en señales de tambor, en las lenguas en las que la <sup>1</sup>altura del tono juega un papel fonológico. Es más fácil retener estos ritmos que dan la melodía tonal que las propias frases.* (VANSINA, 1966)

*“Marinheiro de marinha,  
na praia do mar  
soldado não manda fogo  
sem o capitão mandar”*

*“Ô viemo, viemo, viemo,  
Ô viemo da bera do mar  
Foi um laço de fita amarela*

---

*Na ponta da vara  
Eu não posso tira”*

*“Oiê ê o conceito  
O que Deus fez  
Tá feito”*

*“Oiê ê dindinha,  
a agulha puxa a linha  
dindinha”*

*“ê titiê, ê titia,  
cutia caiu no poço  
cutia já levantou  
no campim de Paraúna  
que campeiro vai te matar  
você fala com tiroteio  
que um dia eu vai lá”*

*“quero vê balainho de fulô  
balança que o rei balanciô  
ê balainho de fulô”*

*“Oi já comeu  
já bebeu  
agora vamo agradece, meus irmão  
o pão que Deus deu.”*

*“Nos tempo pra trás a especialidade do Candombe era o bolo de fubá,, cachaça e o café. O bolo de fubá é dumas maiores tradições do Candombe. Eles comia e depois cantava o ‘ já comeu’ (referência ao verso acima)e ajoelhava assim ó nos pés dos tambu..” (D.Geralda)*

Percebe-se nos versos acima a construção de provérbios, regras morais, através da linguagem figurativa., com predomínio de metáforas. Não houve preocupação em “traduzir” versos, desvendá-los, pois a sabedoria do Candombe consiste em manipular as palavras.

*“Pra entender esses Candombe, cê tem que pensar, num dá pra entender de cara assim não. As vezes cê escuta um Candombe a vida inteira e só depois que vem o significado pra você, porque é a linguagem dos nego mesmo. Os nego antigamente usava ...as vezes o negos pedia comida, reclamava de alguma agressão que o senhor fazia mas num falava “o senhor bateu em mim”, ele usava outras palavras que só os negro entendia...” (D.)*

Característica também dos ensinamentos encontrados na África:

*(...) os provérbios, adivinhas, aforismos e sentenças, que eram aos milhares em toda a África (só numa missão de Angola, dois missionários recolheram mais de 5000), e que constituíam um meio privilegiado de transmissão de uma sabedoria tradicional, funcionando como catalisadores que incitavam à compreensão e ao mantimento da ordem sociocultural. Os provérbios serviam para reforçar um argumento, para resolver um litígio, sancionar instituições e apoiar uma advertência ou admoestação. (...)As advinhas são na grande maioria sentenças moralizadoras ou guardas da tradição. Contém grande valor didático e obrigam a raciocinar e refletir, predominando a metáfora. (FERRONHA, Tratado breve... notas4-37)*

Os negros do passado também falavam “africano” como recurso contra a opressão branca e como resistência cultural no Candombe, para impedir a participação de brancos:

*“Os antigo da gente cantava muito em africano, a gente num entendia nada, mas chegava aqui eles explicava nós. Tem um que eles cantava em português, o chama nego:*

*Chama nego pra trabaiá  
nego tá trançando  
hoje é fim de semana  
amanhã tá trabalhando  
Chama nego  
Branco num vem cá  
Se vier  
Pau vai levar*

*Porque antigamente tinha muito preconceito né. Os branco chegava na bera da roda pra xingá, pra humilhá os nego. Mas eles botava os mal intencionado pra corrê. Cantava essa música...eles conhecia um tanto de canto forte. Se chegava gente de má intenção no Candombe, eles paralizava o coração deles e fazia eles ficá paradim, sem mexer nada até os nego quizer. Hoje num tem mais isso não...conforme vai mudando...” (D.Mercês)*

Hoje explica-se a perda dessas práticas devido ao preconceito: “A gente mesmo achava aquilo feio, esquisito e num quis aprender assim não . O povo olhava pro Candombe com discriminação...aí a gente canta em português mesmo” (k.)

Já amanhecendo, o Candombe é entregue. Os Candobeiros carregam os *tambus* pelas pernas e dão uma volta em torno da casa onde se realiza a festa, acompanhados pelos fieis. “Na entrega do Candombe a gente se sente realizado. É o momento que eu mais gosto.” (T.).

*“Saí de casa  
descendo o morro  
a estrela dalva  
já clareou”*

*“Vamos embora  
que já é hora  
mas e o galo  
já deu o fora”*

*“Nossa Senhora do Rosário  
a sua casa cheira  
cheira cravo, cheira rosa  
e a flor da laranjeira”*

*“E a santa veio de manhã cedo, na hora que a gente entrega o Candombe e rodeia a casa. Foi nessa hora que os nego conseguiram trazê a santa.” (D.Mercês)*

D.Mercês conta em referência a ‘lenda’, marcando o momento sagrado segundo a narrativa mítica.

Houve preocupação em saber como o caráter sagrado do Candombe é aprendido, uma vez que isso se dá meio a festa:

*“Se eu entro na roda de Candombe nem dá vontade de sair, quando cê tá lá na frente dos tambus(...) cê tem animação total, o resto da noite cê tá animada. Pra mim ele é sagrado porque quando eu entro lá eu saio outra pessoa da roda. Você entra lá e parece que vem uma benção de Deus e limpa tudo de ruim que tem. É bom demais quando cê entra e canta, sai de lá limpa, num sai? Nossa Senhora do*



*Rosário é tudo no Candombe, sem ela não tem nem Candombe. Se não rezar não tem Candombe, ele nem sai direito, fica aquele Candombe morto, sem vida... os menino fica tudo desanimado pra tocá.” (T.)*

*“É questão de você aceitar ele como sagrado procê. Na verdade num é por que ele é sagrado, na verdade é porque eu aceito ele como uma coisa sagrada. É melhor perguntar por que eu aceitei o Candombe como uma coisa sagrada pra mim, uma coisa religiosa...mas por enquanto eu ainda num tenho essa resposta não...acho que tem muita coisa que vai vim com o tempo. Quanto mais eu vou aceitando a minha raiz, mais eu vou aprendendo. Eu tenho certeza que titia, tia jada, esse pessoal mais velho, era igual eu assim hoje, entendia o Candombe, sabia que era coisa religiosa, coisa que tem que ter respeito e tudo, mas não sabia explicar totalmente porquê, hoje em dia, se perguntar, sabe. Acho que é vendo as coisa.” (D.)*

A maior dificuldade desse trabalho é justamente jogar as luzes da ciência histórica para um objeto de cunho religioso. Alcançar a transmissão de ensinamentos sagrados é ainda um desafio para a História da Educação.

### **A África presente**

Apesar da carência de fontes sobre a História da Educação na África pré-colonial, tentamos encontrar características educativas presentes na África e que foram transfiguradas em muitos cultos para o Brasil.

A explicação mítica, a linguagem metafórica, o valor da palavra e das tradições, o grande respeito aos mais velhos e ancestrais, a importância da mãe, a representação da história do grupo são valores venerados no Brasil através da herança deixada pelos escravos. O culto realizado através de tambores que se assumem sagrados é também uma forte marca de africanidade. Apesar de não sabermos com certeza a região de procedência dos africanos, Angola provavelmente, entende-se que independente da etnia de origem, os negros criaram formas de convívio e de sociabilidade em meio ao sistema escravista, resgatando da “terra-mãe” características pedagógicas que lhes eram familiares e que aqui se somaram. Não pretendemos, contudo, afirmar que tais práticas eram encontradas por toda África, como em um modelo único.

A formação da Comunidade pode ser compreendida como uma tentativa de restaurar os laços familiares vividos em África e possibilitar a realização do culto ancestral, como lembra Bastide (1971) dessa ligação fundamental entre religião africana e família.

Buscamos na literatura esses traços: Hampate Ba, tradicionalista africano e reconhecido como “Griot moderno”, os escritos do capitão Almada (1594) sobre sua jornada em África, as cartas do Rei do Congo datadas a partir de 1511, e a mitologia africana narrada em contos infantis.

A tradição oral é fonte válida para a história africana e aplicamos, em extensão, para a história dos cultos afro-brasileiros. Há inúmeros autores que legitimam essa metodologia:

*As tradições orais, outra fonte essencial, são inumeráveis. Em todas os Estados africanos (...) haviam personagens encarregados de conservar as tradições e perpetuarem-nas na memória coletiva do povo. (...) mitos, fórmulas rituais, tradições familiares e espontaneamente transmitidas de geração em geração, que são material que contém de uma forma mais intensa e natural, que a ideologia destes povos. (FERRONHA, As civilizações africanas, pag.25)*

*A tradição oral aparece como repositório e o vetor do capital de criações sócio-culturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita: um verdadeiro museu vivo (...) seus guardiões são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos (veillesse oblige!); ancestrais em potencial... Fosséis em sursis!(...) Em suma, o discurso da tradição, seja ela épica, prosaica, didática ou ética, pode ser histórica sob um tríplice ponto de vista. Em primeiro*

*lugar, ele é revelador do conjunto de usos e valores que anima um povo e que condicionam seus atos futuros pela representação dos arquétipos do passado (KI-ZERBO, 1982)*

Interessante como D. lembra seu avô:

*“Porque antigamente, sô, eu lembro que (...) todo dia, o sol tava sumindo assim, invés de ir pras novelas, que num tinha TV, tinha história. Cada dia tinha historia diferente. Essa época da quaresma todo dia tinha história, de todo tipo, de assombração, mula-sem-cabeça...Era doido! Lembro direitinho do vovô Biu...todo dia ele pedia pra encher um prato de brasa e colocar pra ele nos pé, pra ele ficá esquentando as sola dos pé pra ele contá as histórias...Isso eu lembro!” (D.)*

Comparamos com Hampatê Ba ao narrar suas experiências de criança:

*Muitas vezes eu ficava na casa de meu pai Tidjani após o jantar para assistir aos serões. Para as crianças, estes serões eram verdadeiras escolas vivas, porque um mestre contador de histórias africano não se limitava a narrá-las, mas podia também ensinar sobre numerosos outros assuntos, em especial quando se tratava de tradicionalistas consagrados. Tais homens eram capazes de abordar quase todos os campos do conhecimento da época, porque um “conhecedor” nunca era um especialista no sentido moderno da palavra mas , mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. O mesmo ancião (no sentido africano da palavra, isto é, aquele que conhece, mesmo se nem todos seus cabelos são brancos) podia Ter conhecimentos profundos sobre religião ou história(...) era um conhecimento global segundo a competência de cada um, uma espécie de “ciência de vida”(...) E o ensinamento nunca é sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório. (HAMPATE BA, 2003)*

É interessante como algumas características educativas chegaram ao Brasil. O contar histórias faz parte da educação africana. Vovó Biu, neto de africano “legítimo”, provavelmente cresceu, dentro do sistema escravista, ouvindo seu avó contar histórias. Ato que repete, tradicionalmente, aos seus netos, trazendo a memória da África para o presente. Vale lembrar também do papel dos “Griot” na educação moral e religiosa de muitas crianças africanas.

O Candombe é um culto realizado da forma dos ‘antigos’ , preocupando-se sempre com a tradição, na qual o passado é exaltado, e lembra-se sempre da escravidão vivida. O culto aos antepassados em África permite a existência da noção de história:

*O papel dos antepassados em África é guardar viva recordação das nossas origens e da nossa História (...) o culto dos antepassados, impede que os africanos cheguem a ser pessoas desenraizadas, sacudidas pelo vento de todas as modas ou ideologias passageiras. (AMBA ODOYOYE, Valeur des Croyances et das pratiques religieuses africaines, Paris, 1979, pag.136, apud. FERRONHA, 1994)*

### **Educação de escravos**

A educação de escravos há muito foi ignorada como objeto de pesquisa de historiadores da educação no Brasil. Há bem pouco tempo iniciou-se estudos isolados entendendo o processo de formação do trabalhador negro como prática educativa <sup>2</sup>, ou como crianças escravas eram educadas para a eficiência no trabalho e para a submissão.<sup>3</sup> Mas tais trabalhos apresentam a educação como forma de enquadrar o elemento negro para melhor servir a sociedade branca.

A perspectiva desse trabalho é em direção oposta. Não pensamos a educação negra em vistas da sociedade branca. Pensamos na transmissão de valores dos próprios negros para seus filhos, na educação não- escolar passada pelos mais velhos aos mais novos desde os tempos da escravidão. Refletimos sobre um processo educativo que ocorre no terreiro, através da festa e dos tambores. Nosso foco são os

ensinamentos que compõem a tradição oral do Açude. Entendemos o Candombe como forma privilegiada dessa transmissão:

*Os ritos têm papel pedagógico como modelo de mudança e deslocamento cumprindo a função terapêutica de restaurar o indivíduo e sua comunidade através de instrumentos nos quais a cultura fomenta o conteúdo social que interagem.* (MARTINS, 2000)

Pretendemos aqui valorizar esse culto afro-brasileiro como uma instância educativa dos negros na qual são aprendidos valores morais, religiosos, éticos e regras de conduta na sociedade em que se insere. De forma ritual, o Candombe expressa a realidade vivida pelos antigos escravos e preserva o passado. Tratar o Candombe como educação é considerar o conteúdo de seus cânticos como conhecimento. É valorizar o mito, as crenças, os provérbios enquanto sabedorias específicas do povo negro que compõem e enriquecem a cultura brasileira.

Entendemos educação como:

*A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar- às vezes a ocultar, às vezes inculcar- de geração em geração, a necessidade da existência da ordem.* (BRANDÃO, 1985, p.11).

Nos foi muito custoso encontrar uma fundamentação teórica dentro da História da Educação para afirmar o caráter pedagógico contida no Candombe. Marcuso Fonseca (2002), ao tratar da educação que os escravos recebiam cotidianamente, por *impregnação*, para o trabalho mais qualificado, utiliza o conceito de *educação tradicional* proposto por Justino de Magalhães (1996):

*Esses processos educativos decorrem em espaços familiares, nas oficinas e locais de trabalho, nas praças e lugares públicos, nas festas, nos jogos, nos actos de culto e sob uma acção pedagógica, ora mais, ora menos organizada e formal. Deste modo os pais, ou quem os substitui, os eclesiásticos, os mestres de corporação, os responsáveis pelos destinos da comunidade, os órgãos do poder, não deixam de desempenhar funções educativas* (MAGALHÃES, 1996)

A família será então a grande responsável pelos ensinamentos passados através dos tambores. Ela garantirá a realização da festa e a preservação do Candombe tal como aprendida com os “antigos”. Valemos do conceito de *educação tradicional* africano exposto por Hampaté Ba:

*A educação tradicional começa, na verdade, no seio de cada família, onde pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições de vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, lendas, fábulas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas ligadas à posterioridade pelos ancestrais (...)O ensinamento não é sistemático, mas ligados às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A experiência fica profundamente gravada na memória da criança.* (HAMPATÉ BÂ, 1982)

A pesquisa objetiva, portanto, valorizar um culto afro-brasileiro enquanto instância educativa de negros desde o século XIX e reconhecer os conhecimentos trazidos pelos escravos enquanto tal. Entende-se o negro, desde sua condição escrava, como importante agente cultural no Brasil que marcou com sua

dança, canto, tambores e crenças nossa realidade cultural. Refuta-se assim a noção de “escravo-coisa” posta pela antiga historiografia da escravidão.

As práticas educativas africanas, reterritorializadas no Brasil, joga novas luzes sobre os processos de sociabilização vividos pelos escravos e pode contribuir na educação, até mesmo escolar, com técnicas narrativas e recursos musicais para se contar a história da África e os escravos. Dessa forma, valoriza-se o Candombe enquanto fonte da História da escravidão e da África, construída pelos próprios escravos e mantida viva pela transmissão da tradição oral típica africana.

Notas:

- 1- Informações encontradas no Espaço Nhá Rita- Memorial da Fazenda Cipó. Serra do Cipó-Santana do Riacho- MG
- 2- Ver anais do VI Encontro Regional Sudeste de História Oral 2005. BRACKS. “*Tradição oral nas batidas dos tambores- memória, mito e história no Candombe do Açude*”
- 3- Ver Revista Brasileira de História da Educação- julho/dezembro 2002 nº 4. SBHE- Dossiê “Negros e a Educação”. Editora Autores Associados
- 4- SOUZA, Laura de Mello e . “Conclusão”. In: *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das letras. 1997  
VALENTIM, Silvani dos Santos. "Molecas" Crianças escravas no Brasil Colonial de Casas grandes a Senzalas. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 1989.

### Referências bibliográficas:

AMBRÓSIO, M. Mercês. *Pedagogia do Rosário- conteúdo educativo da festa. Dissertação(mestrado). FAE/UFMG, 1988*

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil : contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira: Ed. Univ. S. Paulo, 1971

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985

CARNEIRO, Edison. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1950

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERRONHA, Antonio. *Tratado breve dos Rios de Guiné do Cabo-verde, feito pelo capitão André Álvares d'Almada .Ano de 1594*. Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Lisboa: 1994

\_\_\_\_\_. *As civilizações africanas*. Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Lisboa: 1994

\_\_\_\_\_. *As cartas do Rei do Congo D.Afonso*. Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Lisboa: 1994

GOMES, Nilma . “A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro.” In SILVA & BARBOSA. *O pensamento negro em Educação no Brasil- expressões do movimento negro*. Editora UFSCAR. São Carlos, 1997

HAMPATÉ BÂ, Amadou. “A tradição viva”, in KI-ZERBO, Joseph (org) *História geral da África*, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; Unesco, 1982

\_\_\_\_\_. *Ankoullél, o menino fula*. Casa das Áfricas, 2003

FONSECA, Marcus. “ A educação dos negros.” In Revista Brasileira de História da Educação- julho/dezembro 2002 nº 4. SBHE- Dossiê “Negros e a Educação”. Editora Autores Associados

KI-ZERBO, Joseph (org) *História geral da África, volume 1- metodologia e pré-história na África*. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário. o congado mineiro dos Arturos e Jatoba*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

MAGALHÃES, Justino. “Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do Antigo Regime.” In *Educação Sociedades & Culturas*, Porto Alegre, n.5. Edições Afrontamento.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997

\_\_\_\_\_. “A oralitura da memória” In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREIRA, Edimilson. *Os tambores estão frios. Herança cultural e sincretismo religioso no ritual do Candombe*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro: 1956

RESENDE, Catarina Mendes. *Candombe: festa negra que confere identidade à comunidade do Açude*. Monografia de Psicologia. UFRJ. Rio de Janeiro, 2003

ROSÁRIO, Lourenço. *A Narrativa africana de expressão oral*. Luanda: Angolê, 1989

SANTOS, Erisvaldo. *Religiosidade, identidade negra e educação 1997* enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

SOUZA, Laura de Mello e . “Conclusão”. In: *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das letras. 1997

THOMPSON, Paul. *A voz do passado- história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

VALENTIM, Silvani dos Santos. *"Molecas" Crianças escravas no Brasil Colonial de Casas grandes a Senzalas*. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 1989.

VANSINA, J. "A tradição oral e sua metodologia", in KI-ZERBO, Joseph (org) História geral da África, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982  
\_\_\_\_\_. *La tradicion oral*. Barcelona: Labor, 1966

YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de Dendê. A sabedoria dos terreiros. Como ialorixás e babalorixás passam conhecimento a seus filhos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002